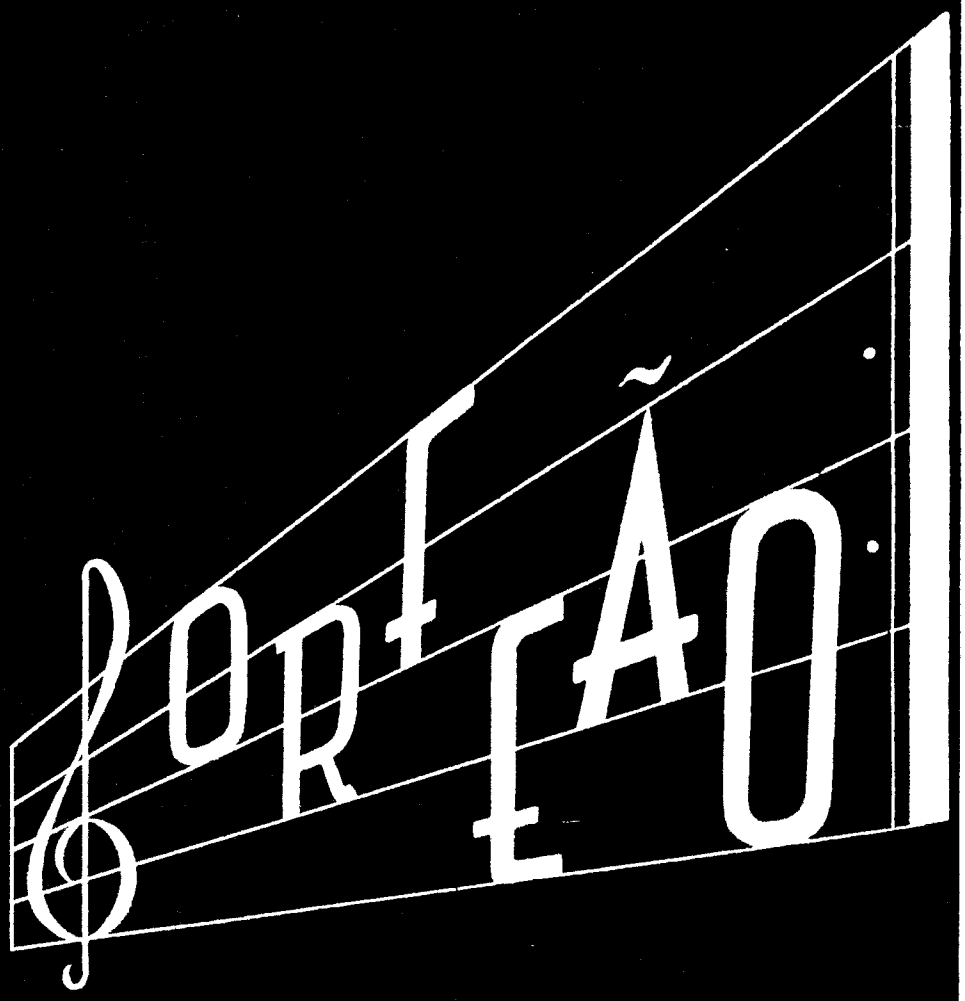
ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO



ORFEÃO

ANO I MARÇO DE 1963 N.º 4

PUBLICAÇÃO MENSAL DO ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

Maria Alexandre Lucas

DIRECTOR E EDITOR

JAIME ANTÓNIO SANTOS COUTINHO LANHOSO

REDACTOR

SEBASTIÃO DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA CARNEIRO

ADMINITRAÇÃO

DAISY RAQUEL LEITÃO AGOSTINHO DA SILVA
ISMAEL VENTURA DE OLIVEIRA CAVACO
RUI DE MEIRELES VIEIRA DE CASTRO

ASSINATURA

1 ano (6 números) — Continente e Ilhas	10$00
1 ano (6 números) — Ultramar	15$00
Venda avulso	2$50

Sumário

	Pág.
Resenha histórica: O. A. P. — O. U. P.	1
Efemérides	2
Maestro Afonso Valentim	3
Recordando as Comemorações	4
Poesia	5
Colóquios — A vida Académica do meu tempo	6
Dos mais castiços de todos	8
A Porta do Inferno	10
Palavras Cruzadas	14
Queima das Fitas	15
Escaquística	16

Resenha Histórica

Orfeão Académico do Porto
1912 - 1962

Desde 1864, data em que pelo Dr. Aires Borges foi escrito para um agrupamento coral, o «Hino Académico», que na Academia Portuense existia uma tradição orfeónica que, apesar disso, só em 1912 passou a ter tradução efectiva.

A 6 de Março de 1912, após animada e concorrida Assembleia Magna, realizada na Nave do Palácio de Cristal, fundara-se no Porto o Orfeão Académico, sendo atribuída a direcção artística ao ilustre regente Fernando Moutinho. Ràpidamente surgiram candidatos e os 200 inscritos foram seleccionados e ensaiados na antiga sala de concertos do Orfeão Portuense à Rua do Laranjal, típica artéria do velho burgo portuense que ligava a Trindade à Praça Nova.

Sujeito a estas intermitências na sua actividade, teve, contudo, ciclos de raro fulgor, ligados, sem dúvida, à competência e entusiasmo dos seus regentes. Dentre as figuras dos seus dirigentes artísticos destacam-se Fernando Moutinho, Clemente Ramos e Futuro Barroso.

FERNANDO MOUTINHO
1.º Regente do Orfeão Académico do Porto, 1912

PADRE DR. CLEMENTE RAMOS
Regente do Orfeão Académico do Porto, 1922

FUTURO BARROSO
Regente do Orfeão Académico do Porto, 1928

Em Março de 1937, o maestro Afonso Valentim aceitou o encargo de ensaiar um grupo dedicado de rapazes e raparigas da nossa Universidade, satisfazendo o desejo formulado pelo Reitor Pereira Salgado.

E a 15 de Abril do mesmo ano, decorrido pouco mais de mês e meio, é realizada uma Récita de Gala no teatro Rivoli, em comemoração do 1.º Centenário da Academia Politécnica e Escola Médico Cirúrgica do Porto, em que se faz ouvir, pela primeira vez, o Orfeão Universitário do Porto.

A tarefa foi árdua, dificuldades e sacrifícios foram ultrapassados pela dedicação do regente e pelo entusiasmo firme dos jovens de então. O público não regateou os seus aplausos vibrantes ao conjunto coral que, em tão pouco tempo, se constituíra; a crítica não atraiçoou a sua missão, antevendo para o O. U. P. uma carreira brilhante, quer no País, quer em terras do estrangeiro.

Orfeão Universitário do Porto
1937 - 1962

Estava reorganizado, sob a direcção artística do actual regente Maestro Afonso Valentim, que se tem mantido dedicadamente no seu posto, o Orfeão Universitário do Porto. Pela primeira vez, um coral Universitário apresentava naipes femininos.

Interessante de notar ainda, que foi no nosso Orfeão que, pela primeira vez as raparigas universitárias envergaram o trajo académico hoje usado também em Lisboa e Coimbra.

Decorreram os anos, a obra iniciada não sentiu desfalecimentos. Assim, as capas negras dos nossos estudantes percorreram o País, a todos emprestando a sua alegria moça e a todos comunicando a sua arte. Não se limitou ao continente a sua actuação. Visitou em 1956 a Província de Angola, em 1959 Moçambique e em 1962, novamente, Angola. Por várias vezes tem percorrido as vizinhas e amigas terras de Espanha, tendo actuado em Madrid, Barcelona, Sevilha, Santiago de Compostela, La Coruña, Orense, etc.

À ideia de criar e cultivar o gosto pela música, acrescentaram-se, com o andar dos anos, novas finalidades.

Ao aspecto beneficente é dispensada particular atenção. Assim, possui o Orfeão Universitário um Fundo Académico, destinado a auxiliar estudantes necessitados, mediante a concessão de bolsas de estudo, empréstimos, etc., denominado Modesto Osório, em homenagem ao antigo Tuno e Orfeonista que ao Orfeão deu o melhor do seu entusiasmo, intuição musical e toda a sua juventude. Mas não se reduz à Academia a sua acção, e, através de colaborações e realização de saraus

cujas receitas são entregues a obras de Assistência e Beneficiência, tem o Orfeão contribuído para minorar o sofrimento alheio

Não tem passado ignorada das Autoridades Superiores a meritória acção do O. U. P. e, assim, a 25 de Maio de 1950, a Excelentíssima Câmara Municipal do Porto, reconhecendo o alto nível artístico e cultural que atingira o conjunto coral da nossa Universidade, concede-lhe a Medalha de Ouro de Mérito Artístico da Cidade do Porto. O Governo da Nação também não deixou de premiar o esforço daqueles que, em tão pouco tempo, haviam realizado uma obra tão séria, sendo o Orfeão agraciado por Sua Excelência o Presidente da República, Senhor Marechal Craveiro Lopes, com a Comenda da Ordem da Instrução Pública, em 1952. A sua meritória acção beneficente mereceu também as atenções gerais e, em 1960, Sua Excelência o Presidente da República, Senhor Almirante Américo Tomás. entrega pessoalmente ao Orfeão o Diploma de Comendador da Ordem de Benemerência.

Mas não são só as Entidades Oficiais a reconhecerem e considerarem o valor do Orfeão Universitário e, em 1956, a quando da primeira visita do O. U. P. à Província de Angola. é nomeado Sócio Honorário da Casa do Distrito do Porto de Luanda e, em 1961, vem do Brasil irmão o último título, mas dos mais gratos ao nosso coração, o Orfeão Portugal do Rio de Janeiro nomeia seu Sócio Honorário o Orfeão Universitário do Porto.

Em 21 e 22 de Março do ano passado, festejaram-se 50 anos de um passado que a todos enche de orgulho. Comemoraram-no orfeonistas de todas as gerações. Velhíssimos, velhos e novos orfeonistas, todos responderam «Presente!» quando a chamada foi feita. A sua presença veio dar aos actuais a real medida da responsabilidade que sobre eles pesa — continuar e engrandecer uma obra que, a sucessivas gerações de estudantes, tem merecido a dedicação do seu entusiasmo e o melhor da sua mocidade de Académicos.

Efemérides

6 DE MARÇO DE 1912

Assembleia Magna da Academia Portuense, no Palácio de Cristal, da qual resultou a fundação do Orfeão Académico do Porto.

10 DE MARÇO DE 1959

O Orfeão Universitário do Porto apresenta-se em Lisboa, no Teatro Nacional de D. Maria, num Sarau oferecido ao Governo e à Academia de Lisboa.

21 DE MARÇO DE 1962

Iniciam-se as Comemorações das Bodas de Ouro do O. A. P. e as Bodas de Prata do O. U. P. com a realização de um Jantar de Confraternização Académica no Pavilhão dos Desportos do Porto. Ao Jantar, que reúne cerca de 500 convivas, segue-se uma Serenata Monuemental nos Jardins do Palácio de Cristal.

22 DE MARÇO DE 1962

Terminam as Comemorações do 50.º Aniversário do Orfeão com a realização, no Coliseu do Porto, de um Sarau em que participam orfeonistas de todas as gerações.

23 DE MARÇO DE 1928

O Orfeão Académico do Porto apresenta-se pela primeira vez em Coimbra.

28 DE MARÇO DE 1951

Partida do O. U. P. para uma digressão artística por Vigo, Corunha e Santiago de Compostela.

FÁBRICAS ALELUIA AVEIRO
AZULEJOS
LOUÇAS
TELEF. 22061 . 3 LINHAS
LISBOA
RUA RODRIGO DA FONSECA
70 . R/C . ESQUERDO
TELEFONE 54872
PORTO
GALERIA DE PARIS, 96, 1.º
TELEFONE 27012

Empresa de Pesca de Aveiro, L.da
PESCA DO BACALHAU
PESCA DO ATUM
PESCA DO ARRASTO COSTEIRO
Praça Eng. Frederico Ulrich, 10 AVEIRO
End. Telegráf. Salgueiros Telefs. 23111/2/3

maestro Afonso Valentim

26 anos na regência do Orfeão Universitário do Porto

Ao recordarmos e enaltecermos as ilustres personagens do passado ligadas à vida do nosso «Orfeão», uma delas se destaca pela sua inconfundível personalidade Artística. Referimo-nos ao Maestro Afonso Valentim, um nome do presente que é também do passado e que ao longo de vinte e seis anos assiste à passagem das gerações orfeónicas. Vinte e seis anos! Vinte e seis anos de trabalho redundante em êxitos, que tanto celebrizam a figura do Regente como os sucessivos estudantes que com ele têm cantado e engrandecido o bom nome do «Orfeão» e da sua Universidade.

As despretenciosas palavras que aqui vão, são, na sua singeleza, uma tentativa de biografia artística do grande Regente e nosso querido Maestro.

———//———

Cedo começou a viver para a música. Ainda adolescente, já ensinava a cantar os meninos da Foz e, à missa dominical, muita gente acorria para ouvi-los. Era a espontânea revelação do artista, que uma ulterior preparação iria tornar uma realidade mais viva, indubitável.

Tamanha vocação não iria perder-se! Inicia a sua educação musical com Carlos Dubbini, professor fundador do Conservatório de Música do Porto. Em 1922 entra como professor de música na Ordem da Trindade; mais tarde, para o Grupo Musical Santa Cecília, fundado pelo Padre Xavier de Almeida e António Pacheco, onde ainda hoje se mantém e apresenta as melhores partituras de polifonia sacra. Em 1928 assume a direcção do «Orfeão Lusitano», que muitos e grandes triunfos alcança sob a sua regência. É nomeado, em 14 de Outubro de 1939, professor do Conservatório de Música do Porto, funções que ainda proficientemente desempenha. Fez parte, como executante, da Sociedade de Concertos Sinfónicos Portuenses e, simultâneamente, o seu já arreigado apêgo à modalidade orfeónica, leva-o a estudar, com Xavier de Almeida e Cónego Pereira da Rocha, «Interpretação de Música Coral».

As suas reais qualidades eram já do conhecimento das entidades superiores. Assim, em 1936, o Prof. Doutor Carneiro Pacheco, ao tempo Ministro da Educação Nacional, propõe que ao eminente Maestro seja conferido o grau de Oficial da Ordem de Santiago da Espada.

No ano de 1937 procurava comemorar-se na Universidade do Porto o 1.º Centenário da Fundação da Academia Politécnica e Escola Médico-Cirúrgica. Era vasto o programa das comemorações e, como número de relevo, figurava a apresentação de um «Orfeão» constituído por rapazes e raparigas da nossa Universidade. Para o efeito, alguns académicos apresentaram-se ao então Reitor, Prof. Doutor José Pereira Salgado, solicitando a sua colaboração. Então, em 24 de Fevereiro de 1937, o Maestro Afonso Valentim recebe um cartão com as seguintes palavras:

> «Com os seus cumprimentos, José Pereira Salgado, Reitor da Universidade do Porto, pede a V. Ex.ª a fineza de lhe vir falar à Universidade, o mais breve que puder».

Era o Orfeão que ressurgia!... O Maestro Afonso Valentim aceitara, então, a difícil missão de o dirigir.

Trabalho persistente e aturado se seguiu durante cerca de mês e meio e foi, graças ao seu valor e à boa vontade e entusiasmo dos jovens que com ele colaboraram que, em 13 de Abril de 1937, se apresentou em Récita de Gala no Teatro Rivoli o que futuramente seria o Orfeão Universitário do Porto.

Pela primeira vez — coisa notável! — na história de agrupamentos orfeónicos das universidades portuguesas, se constituíra um corpo coral misto.

Como era de prever, nesse Sarau memorável, verdadeiro marco dum glorioso ressurgimento do Orfeão na Universidade do Porto, o Maestro Afonso Valentim alcançou mais um clamoroso êxito na sua carreira.

A partir desse data o conceituado Regente imprime ao Orfeão uma actividade a todos os títulos valiosíssima, que se interrompe em 1938, ano em que lhe é concedida uma bolsa de estudos pelo Instituto de Alta Cultura, que lhe permite em Itália estudar com os grandes Maestros, Franco Vittadini, Luigi Picchi, Armando Antonelli e Rafael Casimiri.

Entretanto, dirige também a Tuna Universitária do Porto, com a qual obteve enormes êxitos dentro e fora do País nos de 1937 a 1939.

De há vinte e seis anos a esta parte, o Orfeão Universitário do Porto colhe os louros das grandes glórias que oferece à sua Universidade para seu prestígio e honra. As vozes moças dos seus componentes, sob a competente regência de Afonso Valentim, levam às terras da vizinha Espanha e do Portugal d'Aquém e d'Além-Mar, em cada canção, uma alacre sinfonia de mocidade e um retalho expressivo da cultura duma Universidade.

Para terminarmos, entendemos que a melhor homenagem,

MAESTRO AFONSO VALENTIM
Regente do Orfeão Universitário do Porto

que podemos prestar a quem, há vinte seis anos, tem conduzido o Orfeão de triunfo em triunfo até o tornar no categorizado e prestigiado conjunto que é hoje, se encontra perfeitamente condensada nestas palavras do Jornal «O Lobito» de Angola, publicadas aquando da visita que o Orfeão realizou a esta Província em 1956, e que na íntegra se transcrevem:

> **«Nunca as paredes do «Imperium» ouviram vozes mais harmoniosas.**
>
> **Unção e harmonia arrebatadoras. — Uma centena de gargantas de ouro comandadas por duas mãos mágicas. — Trombetas evocando batalhas e melodias que põem a alma de joelhos».**

Esta, a homenagem do Portugal d'Além-Mar!

A nossa, tão sentida quanto ela, só pode ser uma, que palavras singelas traduzam:

«Obrigado, Maestro!»

Recordando as Comemorações

BODAS DE OURO DO O. A. P. — 1912 . 1962
BODAS DE PRATA DO O. U. P. — 1937 . 1962

PROGRAMA DAS COMEMORAÇÕES

DIA 21 DE MARÇO

Manhã — Missa por alma dos Orfeonistas, Tunos e regentes falecidos; cumprimentos na Reitoria da Universidade; inauguração da nova Sede; plantação da Árvore do Ponto; romagem ao túmulo de um antigo Reitor. Orfeonista e Regente.

Tarde — Colóquio

Noite — Jantar de Confraternização no Palácio de Cristal. Serenata.

DIA 22 DE MARÇO

Tarde — **Colóquio (continuação).**

Noite — Sarau no Coliseu do Porto com a participação de Antigos Orfeonistas e Tunos.

Na execução deste programa trabalharam as Direcções do O. U. P. e da A. A. A. U. P, e presidiu uma Comissão de Honra constituída pelos Senhores:

COMISSÃO DE HONRA

Prof. Doutor Manuel Correia de Barros Júnior
» » Rodrigo Sarmento de Beires
» » António José Adriano Rodrigues
» » Alexandre Alberto de Sousa Pinto
» » Amândio Joaquim Tavares
Padre » Clemente Ramos.

O nosso Magnífico Reitor Prof. Doutor Manuel Correia de Barros deposita um ramo de flores no jazigo do antigo Reitor da U. P. Prof. Doutor Pereira Salgado, no cemitério de Agremonte.

Com esta cerimónia pretendeu-se homenagear os antigos Reitores da U. P. escolhendo-se aquele a que se deve a reorganização do Orfeão Universitário.

A Mesa que presidiu ao Jantar de Confraternização integrado nas comemorações, realizado no Pavilhão dos Desportos. Este jantar que reuniu cerca de 500 convivas constitui, sem dúvida, um dos momentos de maior vivência académica registado nas passadas comemorações do 50.º aniversário do Orfeão.

O Grupo de Fados constituído por antigos orfeonistas actuando durante o Sarau realizado no Coliseu do Porto. Neste Sarau participou o actual grupo coral do Orfeão e a parte de variedades foi preenchida por Fados e Guitarradas executados por antigos orfeonistas, Tuna constituída por antigos e actuais tunos, Orquestra de Tangos composta apenas por antigos orfeonistas e Danças Regionais também por antigos orfeonistas.

Apresentaram o Sarau dois «velhos» sempre novos.

Vida de estudante

Começaste essa vida aliciante,
Votando a ela todos os teus dias.
Conheceste as tristezas e alegrias
Que pouco mais perduram que um instante.

Viveste aquela vida estonteante
Dos bailes e das festas e folias...
Porém, também viveste as arrelias
Inerentes à vida de estudante.

Aulas, colegas, notas, professores,
O estudo, os exames e os suores
Que eles provocam — tudo conheceste!

Tiveste, é certo, contrariedades;
Mas grangeastes algumas amizades
Que duram toda a vida. Enfim: viveste!

(Do livro «Âmago» do orfeonista
Flávio Serzedello)

Despedida

Tudo acabou! A hora da partida
Vai soar dentro em breve, finalmente;
E tu irás aos poucos, lentamente,
Iniciar confiante a tua lida.

Verás que vai custar-te a despedida!
Não julgues que a farás alegremente!...
Não vais abandonar, impunemente,
Esse tempo melhor da tua vida.

Mais tarde, quando o queiras recordar,
Chama teu filho e põe-te a folhear
O teu Livro de Curso; e diz, por fim,

Tendo no rosto uma expressão saudosa
E limpando uma lágrima teimosa:
— «Há vinte anos, filho, eu era assim!»

(Do livro «Âmago» do orfeonista
Flávio Serzedello)

Poesia

Presa da noite informe

Dói-me meu peito, opresso de tristeza,
E amargamente chora de saudade,
Esse trono de vida e de verdade
Que promete, faltando, a natureza.

O mundo da razão é de incerteza,
De negra sombra, crua falsidade;
Desfaz-se a honra em nada, e a vaidade
Gera crimes em ventres de pureza.

Jamais o sol da leda madrugada,
Fará cantar minha alma de nascida,
Onde julgara céu e não é nada.

Presa da noite informe! Nesta vida,
É dor maior o ser a gente nada,
Que a maior dor, na terra já sentida.

Adão Cruz

INSPIRADO NO MOMENTO EM QUE OS «VELHOS» e «NOVOS» ORFEONISTAS CANTAM A «PREPOSIÇÃO»

Trago uma capa emprestada
Igual àquela que tive
Dantes não pesava nada
Agora sinto-a pesada
Com tudo o que em mim vive.

E agora vamos cantar.
Depois as capas velhinhas
Já voltarão a deixar
Meus ombros, onde a pesar
Só ficam saudades minhas.

A. Pinto Machado
(antigo orfeonista)

Colóquio

Ao elaborar-se o Programa das Comemorações, entendeu-se que seria uma útil lição para os actuais orfeonistas e uma agradável recordação para os «antigos» a realização de um Colóquio que tivesse como tema algumas teses que visassem o debelar de alguns defeitos e o renovar dum entusiasmo cada vez mais necessário e permitisse, simultâneamente, um esclarecimento e uma comparação dos diferentes ambientes universitários e orfeónicos que nos precederam e estão na base do que hoje somos.

O êxito alcançado por essa realização está ainda bem presente diante de nós. A valiosa contribuição prestada pelos conferencistas e a franca e viva discussão havida à volta dos temas permitiram que este número do programa, que se receava tivesse o desinteresse dos orfeonistas, fosse entusiàsticamente recebido e fornecesse uma preciosa indicação de quanto seria útil a repetição de iniciativas semelhantes.

Durante as duas fases do Colóquio, tardes dos dias 21 e 22 de Março, foram apresentadas pelos antigos orfeonistas: Dr. Ramiro Salgado, Dr. Luís Augusto Mena Matos e Eng. Carlos Baptista, dissertações acerca dos temas — «Vida Académica no Meu Tempo». «O Significado das Assembleias Gerais» e «Corpos Directivos e seus problemas actuais» — respectivamente.

Na impossibilidade de transcrever os textos das conferências proferidas, como seria nosso desejo, pela exiguidade de espaço de que dispomos, publicamos, por amável deferência do Sr. Dr. Ramiro Salgado, alguns excertos da sua interessante dissertação sob o tema «A Vida Académica do Meu Tempo». Ao Sr. Doutor Ramiro Salgado os nossos agradecimentos por nos ter facilitado a tarefa, fornecendo-nos o original, dispensando-nos assim de recorrermos à gravação efectuada, o que seria bastante trabalhoso, e as nossas desculpas por não publicarmos na integra o seu valioso trabalho.

A vida Académica do meu tempo

... ...

Eis-me pois aqui, para em colóquio simples, chamar à vida um passado que, sob certos aspectos, se repete para os jovens desta geração mas que para mim e mais rapazes do meu tempo, é só saudade — aquela saudade de que os nossos corações estão dando sinal de verdade. Falar da vida Académica do meu tempo é ter de considerar os múltiplos aspectos que toma desde a boémia irreflectida às atitudes concentradas e sérias, limiar de próximas e grandes responsabilidades.

E nesta gama de factos tão variados peço licença para usar duma linguagem que, por vezes, tomará tintas menos suaves ou ressaivos de acentuada liberdade. Antes, porém e porque terei de falar em grandes mestres e colegas que Deus chamou a si, tenho que, — e tão comovidamente o faço! — elevar o meu espírito até eles e nesta evocação reavivo a mágoa de os não ver presentes».

«Mas voltemos aos Mestres e creio que agora podemos falar deles sem intenção reservada. Aqui, alguns vultos agigantam-se tanto, que é lícito perguntar se não teria sido essa a época áurea da nossa Universidade. Gomes Teixeira, Ferreira da Silva, Augusto Nobre, Gonçalo Sampaio, Luís Whoodouse, Pedro Teixeira, José Bonifácio, etc., foram Mestres com que a própria Sorbones se honraria. Mas se estes gigantes das Ciências criando e difundindo conhecimentos tanto e tanto honraram a nossa Universidade e a amaram, outras figuras marcaram ainda e com probidade a sua passagem pelas Cátedras que tanto souberam dignificar.

Arroios, Pereira Salgado, Mendes Correia, Supião de Carvalho, Sarmento Beires, Marques Teixeira, Sousa Pinto, Álvaro Machado (alguns felizmente ainda vivos). E ao citar o Conselheiro Arroios julgo que nenhum dos seus alunos deixará de ter uma história para contar... e algumas, por sinal cheias de graça, saborosamente académicas».

«Talvez fosse longe demais ao recordar a Vida Académica do Meu Tempo Inter-muros. Chegou a altura de aligeirar as cores e falar-vos da «Vida Académica» lá fora. Aqui, a juventude preocupada e atenta ao futuro, lá fora a estonteante alegria — quantas vezes loucura — dos que, como eu sentiam absoluta necessidade de respirar, esquecendo mesmo o mísero passadio das pensões e a magreza de recursos que «o prego» às vezes vinha minorar. Mas ordenemos estas desordenadas vidas começando pelo caloiro tímido e a acabar — quando acabavam — no doutor, esperançado queixotescamente em conquistar glória e renome e... também, uma noiva rica».

«Pensões — corri umas poucas — sempre de barriga insatisfeita — até vir parar à célebre pensão da D. Adélia à Rua de S. Daniel n.º 27.

Esta, sim era típicamente académica. Comigo estiveram sempre o Marques de Carvalho, o Azevedo Pinto, o Pascoal, o Horácio Guimarães e o Gonzaga da Fonseca, etc. Da D. Adélia patroa à Conceição criada não havia diferença na *ternura* com que nos tratavam.

O Marques de Carvalho anunciava sempre a sua chegada

Dankal — Induto plástico para uma boa decoração do seu prédio.
Dankal — Não pinta—embeleza os prédios onde foi aplicada.
Dankal — A sua real publicidade encontra-se dentro das suas embalagens
Dankal — Não há problemas na decoração.
Dankal — Em 200 cores fixas e garantidas.
Dankal — Garante o que fabrica.

PORTO
RUA DO CAMPO LINDO, 335
TELEF. 491106

OS SERVIÇOS TÉCNICOS DA FÁBRICA

Terras Corantes Vouga-Sul, L.da

ENCONTRAM-SE AO VOSSO DISPOR

AVEIRO
Apartado, 25 — Telef. 23535

LISBOA
P. JOÃO AZEVEDO COUTINHO, 4-B
TELEF. 836522

como um grande de Espanha de que ele próprio se fazia arauto com as palavras sacramentais e trovejantes: Conceição cheguei!

O Pascoal, esse quando entrava a horas mortas fazia-o subindo sempre pelo cano goteria das águas até ao segundo andar, onde tínhamos o nosso quarto. Não precisava da porta da entrada e — caso curioso nunca deu uma queda, até mesmo quando em terreno firme o equilíbrio era instável.

O nosso quarto era o albergue comum de todos os transviados e quando metia seranata com o cavaquinho do Carvalhinho, o violão do Bento, guitarra de Antero M. C. e a voz de Milheiros chegávamos a dormir mais de cinco em cada leito, as pernas em cima de cadeiras e malas e parte do corpo num fragmento de cama.

De manhã vinha «O Notícias». Se trazia as figuras do concurso e o galo a pedir gotas cada um de nós comprava dois ou três números com mira no prémio. Um dia — mal humorado por não me terem deixado dormir — chegamos às do cabo. Eu dum lado, Pascoal, Arnaldo e Bento do outro. Julgais que vos tenho medo? Avancei eu agressivo. Vinde os três contra mim! Mas todos ao mesmo tempo? Perguntou o Pascoal. Sim, respondi eu, que todos não sois demais! Neste momento olhámo-nos e eu devia fazer bem a figura de gato assanhado, pois eles desataram a rir, a rir e eu acabei por rir com eles.

O café da malta era o Central e lá o Sobrinho das Barbas, o Emídio Guerreiro e o Romano eram figuras marcantes. Na Cordoaria havia o Café Chaves e nos intervalos das aulas era o nosso paradeiro. À falta de papel estudava-se o cálculo nas mesas de mármore e o Abílio — o mais típico criado de café do meu tempo, gordinho sempre risonho limpava a matemática das mesas e sabia que os cafés fiados seriam sempre pagos com gorgetas bem merecidas.

Nesse tempo as revistas sucediam-se nos teatros, e nos jardins e cinema de Passos Manuel misturávamo-nos com a burguesia, procurando o encosto com menina casadoira. Se vinha de fora uma companhia de «girls» o entusiasmo vencia todas as resistências mas as conquistas deixavam-nos depenadinhos...

Jogava-se o burro e «bluff» e como havia roletas em muitos cantos da cidade até isso nos tentava.

Como manifestação colectiva de carácter folgazão tenho ainda que referir o nosso «carnaval de estudantes». Foi particularmente um acontecimento notável que fazia desviar os Portuenses das suas preocupações e a quem comunicávamos a nossa alegria esfuziante. Esse nosso carnaval preenchia, de certo modo, a actual queima das fitas que então se não fazia.

Ainda me estou a ver a subir as escadas do Palácio de Cristal montado num cavalo branco do Galiza, feito comandante em chefe da tropa histriónica que abria o cortejo. E quando nas arrancadas mais céleres que eu fazia para mostrar as minhas habilidades de cavaleiro, o Pascoal — meu ajudante de ordens — oscilava perigosamente no bucéfalo que me seguia, com grave risco de se estatelar e de se enfiar pelo espadalhão que trazia à ilharga. Não posso porém rematar esta despretencioso conversa convosco e que já vai tendo o peso de um cronicão sem falar nessa jornada magnífica que foi a ida a Madrid e Toledo. Os que vieram depois de mim já sabem, por certo, o que isso foi mas para nós, os que ainda vivemos, ela representa o triunfo máximo dos que teimosamente — como Modesto Osório e João Ribeiro — se esforçaram por dar ao nosso Orfeão a possibilidade de revelar o seu valor e lá fora tornar maior e mais conhecido o nome da nossa Universidade.

Inesquecível o espectáculo dado no Retiro com a Cruz de Cristo dos nossos aviões a riscar o céu azul de Madrid. Na verdade sentimo-nos orgulhosos e os aplausos recebidos mais vincaram a impressão de que estávamos entre irmãos — os nossos irmãos Castelhanos».

«A nossa Associação — à Rua S. Bento da Vitória — era, além do mais, o nosso areópago: discutia-se, decidia-se e julgava-se.

Numa das eleições fui parar ao Conselho Fiscal e como então a «Associação Académica de Coimbra» bem instalada, recebia duodécimos orçamentais que lhe garantiam existência folgada, eu — perante o abandono — que era uma injustiça — propus que fôssemos a Lisboa aduzir razões para nos serem igualmente concedidas verbas que permitissem arranjar e manter uma sede decente. Era então Presidente do Ministério um professor desta Universidade — (Doutor José Domingues dos Santos). — Eu fui na frente solicitar audiência, em dia e hora certa. Levava comigo credenciais e cartas de apresentação para o chefe do gabinete — Capitão Fontes — meu patrício e ainda vivo.

Recebido com solicitude e marcada a audiência fui telegrafar ao Silva Leal, presidente da Direcção e ao Costa Alemão a comunicar-lhes que viessem. No Hotel Frankfort reservei quartos para ambos e ao Costa Alemão destinou-se o N.º 31. Quando depois chegaram, o Maitre d'Hotel diz, obsequioso, ao Costa Alemão: Vossa Excelência é o do 31. Do 31 não, mas 1.º cabo N.º 309 da Companhia de Saúde.

Justifica-se a confusão, porque além do 18 — que foi o meu regimento — no Porto — havia também o regimento N.º 31».

«Parece-me agora cabido perguntar: Quais os frutos desta geração, dos que comigo viveram a mesma época?

Alguns atingiram as suas possibilidades, se é que não as excederam, vindo ocupar lugares de destaque nos variados sectores da vida da Nação. Outros, por circunstâncias diversas ou por temperamento — e com a maior ou menor convicção — entraram para a política. Os que porém quiseram apagar-se ou não puderam evidenciar-se não são menos dignos de serem relembrados, pois como dizia o cantador de Setúbal... no prato de igualdade Deus sabe quem pesa mais. E já me alonguei muito. Não sei se os factos apontados e de muitos dos quais fui protagonista retrataram com as cores mais fiéis a Vida Académica do meu tempo. Logo de início afirmei que outros melhor do que eu poderiam dar a este tema uma textura e desenvolvimento mais sugestivo, com outra percepção e diferente poder de síntese.

Havia, porém de comum entre os rapazes da minha geração, o que, possìvelmente se mantém entre vós: uma enorme ânsia de viver e lutar para um futuro melhor. Esta bela vida que Deus nos deu e que nós estùpidamente teimamos em complicar, com ambições mesquinhas, vaidades e misérias, oxalá possa ser vivida por vós — que sois elite — sem lhe alterar o sentido, no uso nobre das vossas faculdades mentais.

E se uma iniciativa desta amplitude permitiu este convívio fraterno, dando-nos a ilusão de que a nossa vida Académica continua — e continua de facto nos meus filhos aqui presentes e amanhã nos filhos dos meus filhos — eu presto a minha homenagem a todos os membros da comissão que em boa hora se decidiram a comemorarem as Bodas de Ouro do nosso Orfeão. E parto com a certeza de que a nossa Universidade — pelos seus mestres e pelos seus alunos — continuará a ser digna do seu glorioso passado e com ela o «Orfeão» a enriquecer cada vez mais os seus já nobres pergaminhos.»

A Mesa que presidiu aos colóquios constituída pelo Presidente da Direcção do O. U. P., Bernardo T. Coelho, Dr. Ramiro Salgado, Dr. Luís Mena Matos e Eng.º Carlos Baptista, conferencista no referido colóquio.

CAVES IMPÉRIO

Filial no Porto:
R. DA PICARIA, 71

Sede:
SANGALHOS

Telefs. 33545 / 29989

Dos mais castiços de todos...

por Beirão Reis

(Continuação do número anterior)

Foi em Nova Lisboa que convivi com um dos mais castiços espíritos boémios que conheci até hoje. Chamavam-lhe «Caruso», pois possuía uma voz tão bem timbrada e cantava com tanta arte e sentimento que faria inveja a qualquer famoso tenor italiano. Novo, apreciador da aventura, com largos dotes de fortuna e espírito um tanto esbanjador, tinha verdadeiro prazer em reunir amigos e proporcionar-lhes inesquecíveis pândegas com todos os requisitos necessários: «vinho, mulheres e música»! Sentia autêntica paixão pelos fados — reminiscências dos tempos em que vagueou por Coimbra — e foi esta faceta da sua maneira de ser, aliada ao seu carácter franco e comunicativo, que mais contribuiu para que nos tornássemos amigos. «Tinha espírito fadista!» como diria mais tarde o Tião; e este conceito, por si só, dá-nos uma expressiva ideia da singular personalidade do nosso amigo Caruso.

26 de Agosto, cinco horas da madrugada. Acabara o baile no «Ferrovia»; eu mais a «minha menina» dirigíamo-nos para o «Cabaret do Padre Ferreira» — assim denominávamos a nossa camarata! — levados pela doce esperança de podermos repousar um pouco.

Chegámos. Entretanto, velozmente lançado estrada fora, um jeep aproximava-se e, depois de efectuar arriscadas manobras no sentido de evitar o edifício, imobilizou-se bruscamente a escassos centímetros de mim, envolvendo-me em densa núvem de poeira. A porta abriu-se e lá de dentro saltou o Rogério.

— Beirão, por favor, ouve-me! — exclamou em voz excitada. — Quero apresentar-te o Caruso, um tipo «da corda» que deseja fazer umas serenatas e cantar uns fados. Tu não podes ir deitar-te já! Vê se encontras o Rui e o Tião e anda daí... anda daí!... — quase que suplicou.

Fitei o Rogério, notei-lhe os olhos brilhantes, febris quase. «Estás como o aço, pensei com os meus botões, estás com a «palhoça» mais linda que te vi até hoje!» — A estas horas?! — atirei-lhe enquanto sacudia a terra que me sujara — Daqui a quatro horas partimos para Silva Porto e tu ainda queres ir vadiar por aí?! Tem juízo, menino!

— Beirão, olha que... olha que eu perco toda a consideração que tenho por ti se me negas este favor! Eu prometi ao Caruso que iríamos! Não me deixes ficar mal! — e quase me rasgava as bandas da batina — Vai chamar o Tião e o Rui, anda!...

Era inútil contrariar o Rogério naquele estado de excitação: assim, subi as escadas na espectativa de que ambos se recusassem terminantemente a colaborar naquilo que considerava uma insensatez. Mal entrei, ouvi com evidente satisfação a harmoniosa «sinfonia em ré maior»: «O Tião já «ferra o galho» e, pelo ritmo com que ronca, «ferra-lhe» bem!» E o Rui, como logo observei, seguia-lhe o exemplo... menos ruidosamente, é certo.

Desci cá para fora.

— Nada feito, Rogério, dormem como pedras e foi impossível acordá-los. Fica para outra vez!

— Já dormem?! — e quedou-se apático, a desilusão estampada no rosto. Mas ràpidamente readquiriu o frenesi anterior: — Então vamos nós os dois! Anda daí, o Caruso já está farto de esperar! — e passeava agitadamente dum lado para o outro.

«Caramba, a «palhoça» é muito pior do que julgava ou então está a progredir a olhos vistos!», conclui perante aquela ideia de irmos os dois, feitos músicos ambulantes, desafiar os polícias de Nova Lisboa. — Ora, ora, vai-te deitar, Rogério, que bem precisas!...

Nesse momento, o Caruso — era ele, provàvelmente — saiu também do jeep e veio direito a mim:

— Boa-noite! — disse estendendo-me a mão — Desculpe-me tê-lo incomodado, não sabia que partiam daqui a bocado para Silva Porto. Sabe, adoro fados e quando vos ouvi no espectáculo senti cá dentro uma vontade danada de cantá-los também! Compreende, temos tão poucas oportunidades de fazer umas farrazitas convosco... vocês só de longe a longe é que aparecem por cá... — e uma nota de melancolia toldou-lhe a voz.

Observei-o com simpatia. E procurei, de facto, compreendê-lo.

O Caruso simbolizava, naquele momento, a maneira de pensar de muitos outros, dispersos pelas terras que o «Orfeão» percorrera ou viria a percorrer. Seres aprisionados ao trabalho, a um trabalho duro, por vezes monótono e arrasante, viam na presença dos «estudantes» uma ocasião ímpar de se evadirem da rotina quotidiana e libertarem a tendência folgazã que vivia recalcada no mais fundo do seu íntimo. Subjugava-os o fascínio irresistível dos «capas negras», embaixada de juventude e alegria que lhes trazia horas inesquecíveis de camaradagem isenta de preconceitos que lhes apresentava a vida sob um aspecto diferente, descuidado, exuberante!

Muitas vezes detenho-me a meditar em que é que um pedaço de tecido negro lançado sobre os ombros é capaz de nos modificar, de nos distinguir dos demais a ponto de todos nos acolherem de braços abertos e nos tratarem de uma maneira tão especial!

«...Temos tão poucas oportunidades de fazer umas farrazitas convosco... vocês só de longe a longe é que aparecem por cá...» Estas palavras, há pouco ouvidas, fizeram-me ver quão monstruoso seria negar ao Caruso a possibilidade de conviver com os «capas negras», de passar conosco momentos alegres e divertidos como era seu desejo.

Decidi-me: «Que diabo, afinal eu é que devo estar «empalhoçado» para recusar a este castiço o pouco que me pede!... Ai que vergonha, que vergonha!...» — Vamos, Rogério, não fiques para aí especado! Olha que «o Caruso já está farto de esperar...» e eu também! Vamos embora! — e o Rogério, agora, assemelhava-se a uma criança a quem acabam de dar um brinquedo novo!

Entrámos na «carrinha» e seguimos estrada abaixo. No conta-quilómetros, 70, 80, 90... o Caruso cantava alegremente uma ária do «Rigoletto», o jeep acompava-lhe diabòlicamente o ritmo transmitido pelo guiador... e eu tinha a vaga esperança, muito vaga mesmo, que não nascesse nenhuma árvore a meio do caminho!...

Foi um fim de noite memorável! Caruso e Rogério cantando a plenos pulmões e a «minha menina» trinando a «plenas cordas» despertámos a quietude das ruas desertas da cidade, fazendo bater mais apressado o coração das donzelas que nos escutaram e acender e apagar muita lâmpadas que, por certo, estranharam bem aquele serviço fora de horas!... Facto inédito, não se verificaram desafinações o que, aliás, é bem natural: não havia guitarras...

Os derradeiros acordes desvaneceram-se no silêncio que nos rodeava. O que me pareceu um maravilhoso luar, de uma intensidade fora do comum, delineava os contornos dos objectos, emprestando-lhes uma vaga aparências de irrealidade: só então reparei que nascera a aurora!...

Guiando uma carroça, um nativo cruzou-se conosco: ao ver-nos, um largo e bonacheirão sorriso bailou-lhe nos lábios e lançou-nos este comentário ingénuo: — Caramba, muito cedo se levantam os «mininos doutores»! E, filosòficamente, o burro sacudiu a cabeça, como quem pensa de si para si: «Ter-se-á Einstein lembrado de estudar a relatividade... dos conceitos de «tarde» e «cedo»?!»

Foi com efusiva alegria que o Caruso se despediu de nós: — Nem sei como agradecer-vos o que fizestes por mim!... Da próxima vez que cá voltardes, depois de amanhã, podeis contar comigo: depois do espectáculo faremos uma farra como nunca se viu, mas com o grupo de Fados completo! — e desta vez cantava um trecho de «O Barbeiro de Sevilha» — Cá vos espero!

O jeep desapareceu na curva do caminho. Enquanto subíamos as escadas, o Rogério perguntou-me, rindo:—Com certeza, Beirão, que há bocado julgaste que eu estava com a «palhoça», não?

Respondi-lhe sinceramente: — Creio que foste o único que

viu as coisas sensatamente desde o princípio. E estou-te agradecido por isso!

O nosso Conjunto vinha a subir progressivamente de nível desde o espectáculo de Benguela: apresentou três fados no Lobito, quatro a partir de Nova Lisboa; mas, quanto à variação, nada: nenhum dos guitarristas sabia tocar em condições uma variação susceptível de ser apresentada em público. E, certamente, nunca apresentaríamos nenhuma... Porém, como diz o provérbio, «o homem põe e... o acaso, por vezes, ajuda a pôr...»

Madrugada de 31 de Agosto. O baile oferecido aos Orfeonistas estava pràticamente terminado, raros eram os pares que evolucionavam na sala. Encostado ao varandim exterior, saboreava um cigarro quando o Rui apareceu com a guitarra debaixo do braço.

— Beirão, apetece-me ir tocar umas coisitas para desenferrujar os dedos. Pega na viola e anda daí dar-me uma ajuda.

Olhei para o relógio: quatro horas da manhã. — Está bem, pá, ainda é cedo... Podemos ir...

Momentos depois, eu, Rui e Tião, «còmodamente» instalados no gélido empedrado da escadaria exterior do edifício, dávamos largas à nossa fúria fadista, acompanhados pelos ladridos ferozes dos cães que, certamente, não eram apreciadores de «boa» música...

E em certa altura... o Rui começou a tocar uma variação que se parecia vagamente com a «Rapsódia Portuguesa», uma das guitarradas mais apreciadas, raramente ouvida devido às dificuldades de que se reveste a sua execução.

— Esta variação de Lisboa até tem categoria, não acha, «minino» Beirão? Foi o Samuel Paixão que ma ensinou, já lá vão alguns anos.

— Paaaalerma, já podias ter dito que arranhavas essa variação! Isso nunca foi lisboeta, fica sabendo! Tu é que tocas de uma maneira tão horrível que até parece de Lisboa! — E ria-me com vontade perante o ar apalermado do Rui — Vamos mas é ensaiar isso com cuidado e compor o que está mal, isto é, quase tudo, que talvez consigamos uma coisa apresentável!

— Lògicamente! — exclamou o Tião com aquela entoação que lhe é peculiar — E assim, em Moçâmedes, apresentaremos, pela primeira vez, uma Serenata completa. Ah, ah, ah, vai ser bonito! Até vou comprar uma caneta nova para assinar os autógrafos! Vivam os artistas!

Imediatamente iniciámos o árduo trabalho de tornar decente a «Rapsódia Portuguesa» do Rui. Até os cães, compreendendo a importância do momento, se calaram!...

Eram já cinco da manhã quando resolvemos interromper o ensaio.—Ensaiaremos no comboio, durante a viagem para Moçâmedes! — foi a decisão que unânimemente tomámos naquele instante.

Se bem pensámos, melhor o fizemos. E era tal o ardor que púnhamos no nosso trabalho que a meio da viagem já grande parte dos Orfeonistas dormia a sono solto!

Custasse o que custasse, desejávamos apresentar a Serenata completa no Sarau dessa noite de 31 de Agosto, pelo seguinte: o Rui fazia anos nesse dia e nós pretendíamos comemorar, dessa forma, o seu aniversário. Razão de ordem sentimental, sem dúvida, mas compreensível!

Não descansávamos um instante sequer; mesmo durante a actuação do Coral, ensaiávamos no café situado ao lado do cinema. Aliás, Moçâmedes é a única cidade de Angola que se pode gabar de ter assistido a dois espectáculos do Orfeão simultâneos: o Orfeão a exibir-se dentro do cinema e... o Conjunto de Fados a «dar espectáculo» no café do lado!

Entrámos nos bastidores num estado de nervosismo evidente. O ensaio acabado de se realizar não fora nada satisfatório, o Rui recusava-se a apresentar a sua «Rapsódia Portuguesa» (sua, pois não se parecia muito com a autêntica):

— Está uma porcaria, Beirão, nem penses que tenho «lata» para tocar isto em público!

— Calma, «minino» Rui — e o Tião recorria à sua diplomacia — lembra-te, que hoje fazes anos! Se quiseres, podemos fazer um apelo à benevolência dos espectadores: «Meus senhores e senhoras minhas, pedimos-vos imensas desculpas se o nosso guitarrista não vos deliciar com a sua habitual primorosa execução — e o Tião piscava o olho sorrateiramente — mas hoje é o dia do seu aniversário natalício e, por esse facto, está bastante comovido!» «Minino» Rui! Vais ver que ainda te oferecem um automóvel!

— Vamos, «minino» Rui, tudo depende da maneira como apresentarmos a variação! Podemos usar o método da Tuna, que até hoje sempre deu resultado: avisar o público: «E agora, meus senhores e senhoras minhas, vamos executar «Rapsódia Portuguesa», um «desarranjo» do nosso colega Rui Vieira de Castro!» — E, embora o momento não fosse propício a brincadeira, comprazia-me em focar-lhe o aspecto cómico. O Rui enfurecia-se com a maneira zombeteira como estávamos a encarar o caso:—Só apresentarei esta «droga» se conseguir tocá-la, aqui, direitinha do princípio ao fim, sem nenhuma fífia! E não me aborreçam mais que não estou para vos aturar!

Submetemo-nos, resignadamente, àquela vontade do Rui, aliás bem justa. Iniciámos a variação. E — oh, milagre! — conseguimos acabá-la sem que se tivesse notado qualquer asneira de calibre superior ao costumado.

O Rui quedou-se, aparvalhado: — Diabo, parece impossível! Nunca supus que tivesse o azar de tocar «isto» em termos!...

— Pois é, «minino» Rui, vais agora ter o azar de tocar «isso» no palco! Vamos embora que são mais que horas!

Lá fomos. E o que era de esperar sucedeu mesmo: todas as fífias que deveriam ter saído naquele pequeno ensaio nos bastidores foram mas é aparecer na nossa actuação pública, de modo que os «Fados e Guitarradas», no que diz respeito à guitarrada, constituiram uma das maiores «barracas» que vi até hoje.

Paciência!

Foi esta a página negra na história do Conjunto de Fados. Página que urgia apagar, para honra nossa! E se surgisse uma oportunidade... decerto não a deixaríamos fugir!

(Conclui no próximo número)

Livraria Luso-Espanhola, L.da

FILIAL NO PORTO

14, Rua do Carmo, 14 - A

Telef. 24076 . PORTO

LIVROS TÉCNICOS DE TODAS AS ORIGENS

VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTOS

HÁ JÁ MUITOS ANOS QUE TOMAMOS CAFÉ

NO

ÂNCORA DE OURO

A Porta do Inferno

A PORTA DO INFERNO

O trabalho é a lei da vida que rejuvenesce constantemente o Homem e o atira de encontro às portas da imortalidade. É o fruto misterioso da paixão e do génio que muitas vezes toma a forma de uma obra copiosa, imensa, verdadeira como a Natureza e palpitante de vida como se nascida da mão de Deus.

O trabalho é a grande lei da vida! Mas além disso, muitas vezes, o trabalho é ele próprio vida; emerge vulcânicamente, palpitante, esfusiante de alegria de viver, como um hino à criação, gritando a tudo e a todos: respiro, amo, vivo! E respira, e ama, e vive, como se o autor dessa obra tivesse poder divino.

Mas Augusto Rodin não foi verdadeiramente um Deus. Não passou dum homem a quem a inspiração e o génio invulgares permitiram criar um trabalho cujo esplendor é um poema incomparável dedicado à Natureza e à Vida!

E se na obra de um homem alguma vez se pôde encontrar um trabalho traduzindo de maneira tão grandiosa e magnífica a obcessão criadora, o grande-amor, o sonho norteador duma mente esplendorosa, esse trabalho, no caso de Rodin, foi «**A PORTA DO INFERNO**».

Encomendada em 1880 pelo Estado, destinava-se à entrada do futuro Museu das Artes Decorativas. Rodin, que na sua viagem a Itália se havia deixado impressionar profundamente pela segunda porta do Baptistério de Ghiberti, em Florença, criou numa exaltação incrível um tal número de imagens, que só podiam encontrar realidade naquela obra colossal na qual trabalhou cerca de vinte anos. A pouco e pouco foi-se libertando da influência que a porta de Ghiberti havia deixado no seu espírito, e, abandonando o plano inicial que previa os painéis simétricos, acabou por se deixar absorver por um turbilhão de entusiasmo e inspiração, do qual nasceu uma obra escultural grandiosa, onde a imaginação dramática gerou a mais assombrosa visão apocalíptica.

A ideia original do escultor, que era corporizar na pedra as cenas do «Inferno», de Dante, depressa teve de ser abandonada, tão incompatível se tornava com a necessidade de liberdade de acção da sua impetuosidade criadora. Depois de lhe ter proporcionado inúmeros temas para grande parte das suas composições, o poema de Dante foi abandonado e as figuras simbólicas passaram a nascer da imaginação do

Por

Miguel de Macedo Teixeira

artista. Tal como se vê hoje, na «**PORTA DO INFERNO**» não restam mais do que dois ou três episódios de inspiração dantesca: «**Paolo e Francesca**» e «**Ugolino**», ao lado da representação da barca de Caronte, na qual eram transportadas as almas para serem julgadas por Minos.

Um outro poeta, cuja influência deixou marcas no trabalho de Rodin, foi o sensual e trágico Baudelaire, o autor de «**Les fleurs du Mal**» e responsável, em parte, pelo sentido friamente perverso da vida e do destino emanado de algumas composições do escultor.

«**A PORTA DO INFERNO**» foi durante muito tempo o grande sonho de Rodin. Com ardente curiosidade chegou mesmo a dedicar-se ao estudo cuidadoso dos escultores anónimos das velhas catedrais francesas, aplicando os princípios arquitecturais à execução da Porta. De vez em quando, como que sentindo-se cansado, abandonava a sua obra predilecta, para logo voltar a ela com renovado entusiasmo. E foi este entusiasmo que o levou a só tardiamente compreender que havia desenvolvido demasiadamente o relevo das figuras. Abondonou o trabalho de novo, utilizando os motivos que compunham «A Porta» como reserva de formas, que utilizou em novas e inesperadas composições, a pontos de em 1900 os seus tabuleiros se encontrarem vazios! Em 1908, Rodin pensou na sua reconstrução total, mas só em 1916 e 1917 foi definitivamente reconstruída; quando o imortal artista morreu, não havia ainda dado por acabada a sua monumental obra. Como se compreende, neste espaço de tempo que vai de 1880 a 1917, «**A PORTA DO INFERNO**» foi a fonte inspiradora,

Em Lisboa, Orfeão encontra-se à venda na:

Tabacaria do Café Martinho

da qual nasceram as mais célebres criações de Rodin.

Apesar das supressões, das mudanças, das alterações, a célebre porta tem, tal como existe actualmente, 186 figuras. Toda em bronze, granças ao entusiasmo e à bolsa do japonês Kojiro Matsukata, é coroada no cimo pelas estátuas dos «**Três Homens**», os quais olham para baixo, como que fascinados pelas palavras do poeta, mergulhadas no abismo:

«Lasciate ogni speranza, o voi ch'entrate!»

Esta inscrição, na ideia original do artista, não chegou a ser executada; as palavras de Dante só se podem adivinhar suspensas das mãos imaginárias dos «**Três Homens**», misteriosamente amputados.

Logo por baixo, no centro do tímpano. «**O Pensador**» contempla a tragédia. Fazendo parte da concepção original, esta figura era o grande símbolo de todo o conjunto. Soberba estátua masculina, onde a presença de todos os músculos é impressionante, seria uma representação de Dante. Rodin chamou-lhe inicialmente «**O Poeta**». Mais tarde, com o nome de «**O Pensador**», tornou-se um símbolo universal da arquitectura rodinesca.

Mais abaixo, nos painéis, num milagre de lirismo e poesia, emergem figuras num rodopio de volúpia, representando todas as paixões e vícios da Humanidade. Para o centro as figuras tornam-se independentes do assunto. À direita e ao fundo, tal como Baudelaire as imaginou, estão as mulheres perdidas, misturadas com centauros, faunos, sátiros e outras figuras da mitologia antiga. Entre os vícios abstractos, é admirável o «**Avareza e Luxúria**», figurados no miserável e na cortesã. Na porta da direita, acima dos conhecidos «**Polyphéme**» e «**L'enfant prodigue**», destaca-se outro trabalho que nasceu sob a influência dos poemas de Baudelaire — «As metamorfoses de Ovídeo» — como se deduz dos dois nomes que o autor lhe deu primitivamente: «**Volupté**» e «**Les fleurs du Mal**». Esta sedução pela poesia, uma das características curiosas do artista, fez-se também sentir na quantidade de composições baseadas nas «**Noches**» de Musset.

Não queremos deixar de nos referir com mais pormenor aos dois episódios do «**Inferno**», de Dante, representados na porta da direita. O famoso «**Ugolino**» foi fruto da forte impressão causada sobre Rodin pelo incidente que é um dos mais terríficos da Divina Comédia.

Conta a história que, em Pisa, o conde Ugolino, depois de ser acusado de traidor, foi condenado a morrer encerrado numa medonha torre, a que mais tarde chamaram «torre da fome». Com dois filhos e dois netos, aí o fecharam, e, depois de terem lançado a chave da torre ao rio Arno, deixaram-nos morrer de fome. Entretanto, acreditavam muitos que o espectro da morte constrangera o desventurado pai a comer a carne dos seus filhos. No maravilhoso poema de Dante, o conde Ugolino faz a assombrosa narração do facto, ao Poeta, da seguinte maneira:

.....

Da horrível torre à porta então se ouviam
Martelos cravejar; eu mudo e quedo
Nos filhos encarei, que esmoreciam
Não chorava; era o peito qual penedo.
Choravam eles, e Ansemuccio disse:
Assim nos olhos, pai? De que hás tu medo?
Mordi-me nas mãos de angústia delirante
Eles, cuidando ser de fome o efeito,
De súbito e com gesto suplicante,
Disseram: menos mal nos será feito
Nutride-te de nós, pai: nos vestistes
Desta carne: ora sirva em teu proveito

.....

Do quarto dia os lumes clarearam:
Gaddo caiu-me aos pés desfalecido
Pai, me acode! os seus lábios murmuram
Morrem; e, qual me vês, eu vi perdido
O sizo, os três, ao quinto e ao sexto dia,
Um por um se extinguiu exananido

(Continua na pág. seguinte)

PARA COMPRA, VENDA OU HIPOTECA DE PROPRIEDADES

A PREDIAL AVEIRENSE

AVEIRO . Av. Dr. L. Peixinho, 97 - 1.º — Telef. 22383

CANTANHEDE . Telefone, 42 175

AGÊNCIA EDITORIAL

AUG. VALENTE, SUCR.

REPRESENTANTE DAS CASAS EDITORAS DE PARIS:

LIVRARIA MALOINE, LIVRARIA LAROUSE E ARISTIDES QUILLET

R. DA FÁBRICA, 38 - 3.º - SALA 37
TELEF. 20785 . PORTO

Apalpando os busquei — cego os não via
Dois dias, os seus nomes repetidos:
Da fome mais que a dor pôde a agonia.

O Ugolino de Rodin aparece transformado na sua bestialidade, torturado pela voracidade do seu estômago, roendo o seu próprio corpo acima do joelho. A monstruosa figura eleva-se sobre os corpos mortos dos seus descendentes, os quais parecem incitá-lo ainda mais a aplacar a fome na sua própria carne. Na violência com que a cabeça é atirada para o lado adivinha-se a luta entre a fera esfomeada e a revolta provocada pela monstruosa ideia de alguém ter de se comer a si próprio.

Outro episódio da Divina Comédia, tratado por Rodin com uma sensibilidade infinda, é o de Paolo Malatesta e Francesca de Remini. Esta bela jovem, filha do senhor de Ravenna, contemporâneo de Dante, foi obrigado a casar com Gianciotto Malatesta, cavaleiro esforçado e brioso, mas incapaz de fazer esquecer o amor que a esposa dedicava desde há muito a seu irmão Paolo. Surprendidos no seu idílio, os dois amantes acabaram por perder a vida, feridos de um só golpe: «amor condusse noi ad una morte».

Desta história serviu-se Dante para escrever um dos mais belos temas do seu «Inferno», do qual não resistimos transcrever a tradução do lamento da formosa Francesca:

Amor, que os corações subido prende
Este inflamou por minha formusura
Que roubaram-me: o modo inda me ofende
Amor em paga exige igual ternura,
Tomar por ele em tal prazer meu peito
Que, bem o vês, eterno me perdura.
Amor nos iguala da morte o efeito:
A quem no-la causou, Caina, espera.

.....

Não há — disse — tormento mais dorido
Que recordar o tempo venturoso
Na desgraça. Teu mestre o tem sentido
Mas porque de saber és desejoso
Como nasceu a flor do nosso afecto
Direi chamando o lance lastimoso
Por passatempo eu lia e o meu dilecto
De Lanceloto extremos namorados;
Éramos sós, de coração quieto.
Nossos olhos, por vezes encontrados,
Cessam de ler; ao gesto a cor mudara
Um ponto só deu causa aos nossos fados.
Ao lermos que nos lábios osculara
O desejado riso o heróico amante,
A boca me beijou todo tremente,
De Galeotto fez o autor e o escrito
Em ler não fomos nesse dia avante.

O patético inimitável deste episódio feriu a imaginação de Rodin que nos deixou em muitas das suas obras toda a emoção do trágico idílio. O seu «**Paolo e Francesca**» foi adquirindo com o tempo um significado mais geral, situando-se entre os mais famosos temas dedicados à voluptuosidade do amor.

O esplendor somático da nudez, a paixão estonteante e viva, a entrega incondicional, brotam com exuberância destas deliciosas criações que são acima de tudo o símbolo dum culto apaixonado pela mulher que se manifesta sobretudo no já referido «**Paolo e Francesca**», «**Romeu e Julieta**», «**O Beijo**», «**A Eterna Primavera**», «**Fugit Amor**», «**O Despertar**», e que pode ser resumido no tema repleto de expressão do «**Eterno Ídolo**»: Na pureza branca do mármore, uma jovem de pé, dobrando a perna com a mão, e um homem ajoelhado a seus pés, com a cabeça apoiada numa atitude de infinita adoração, formam uma espécie de cântico carinhosamente apaixonado à eternidade do Amor.

Há, no entanto, um estranho e perturbante tom de volúpia nestes conjuntos, que o artista parece cultivar meigamente quando afirma: «Quel éblouissement: une femme qui se deshabille! C'est l'effet du soleil perçant les nuages».

Mas o que mais valoriza todas estas composições é o significado das atitudes tomadas pelo corpo humano, é o valor dum músculo mais saliente ou de um tendão mais contraído. O que mais caracteriza a obra de Rodin é essa faculdade de penetração psicológica que lhe permite descobrir pensamentos e sensações no mais pequeno músculo, é este conhecimento dos segredos do corpo humano a que chamava «la fleur des fleurs». Para ele, e nisto terá sido superior ao próprio Miguel Ângelo, o corpo era um espelho da alma, que podia, mais ainda do que a mímica da face ou do olhar, exteriorizar todos os segredos da vida espiritual.

Um motivo curioso tratado por Rodin, primeiramente sob a forma de um baixo relevo destinado

Alves

OCULISTA

Depositário das lentes PUNKTAL ZEISS

ÓPTICA . MATERIAL DE LABORATÓRIO

Rua do Carmo, 9

Telef. 25971 PORTO

Paula Dias & Filhos, L.da

FORNOS ELÉCTRICOS DE FUNDIÇÃO

CONSTRUÇÃO E REPARAÇÃO DE MÁQUINAS . SERRALHARIA . FORJAS

SOLDADURAS

FUNDIÇÃO DE FERRO E DE METAIS NÃO FERROSOS, EM FUSÃO PERMANENTE

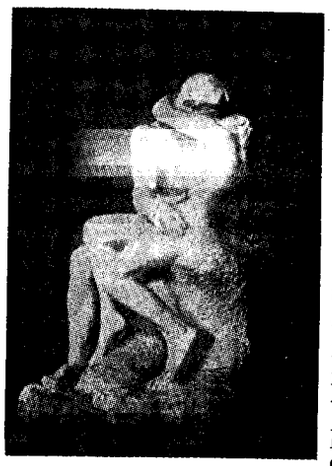
Telef. 22840 **AVEIRO**

à «PORTA DO INFERNO», e depois corporizado numa das suas mais geniais criações, foi o da incrível **«Belle Heaulmière»**. Representa um corpo feminino mutilado pela velhice, repelente na sua nudez, sêco, feio, quase desumano. Nos membros finos como vimes, nos seis atrofiados e pendentes como aventais, no abdómen disforme e pregueado, parece ecoar o riso do tempo, monstruoso de escárneo, perante os restos do esplendor dum corpo, outrora belo e apetecido. O grotesco e o triste, de mãos dadas, fazem daquela estátua um exemplo vivo da verdade tremenda emanada das obras de Rodin. E parece-nos mesmo ouvir o entoar triste da balada antiga de François Villon, em que a belle Heaulmière não cessa de se lamentar:

Quant me regarde toute nue,
Et je me voy si trés changiée,
Povre, seiche, megre, menue,
Je suis presque toute enragiée.
Qu'est devenu ces gentes espaules menues,
Ces bras longs et ces mains traictisses;
Petitz tetins, hanches charnues,
Eslevees, propres, faictisses
A tenir amoureuses lissess;
C'est d'umaine beaulté l'yssues!
Les bras cours et les maines containtes,
Les espaulles toutes bossues;
Mamelles, quoy! toutes retraites;
Telles les hanches que les tetes;
Du sadinet, fy! Quand des cuisses,
Cuisses ne sont plus, mais cuissetes
Grivelees comme soulcisses.

Segundo Paul Gsell há uma certa semelhança entre este trabalho de Rodin e uma curiosa estátua de Donatello, existente em Florença, representando uma velha, nua, vestida sòmente com os seus longos cabelos que parecem querer esconder a tristeza do corpo envelhecido e que representaria Maria Madalena no deserto, em busca de penitência para os seus antigos pecados. Ora na «Belle Heaulmière» de Rodin nada há de místico nem de resignado. Pelo contrário, toda a estátua é uma revolta contra a inevitável decadência da carne, transbordante da nudez repelente de velha mulher.

Mas voltando à descrição da «PORTA DO INFERNO», há que referir no alto da cornija um friso de trinta cabeças de bocas distorcidas, olhos fundos e dilatados, cabelos em desalinho, tudo numa espécie de síntese da Humanidade. «Lembro-me dos condenados situados à esquerda de Deus na bela porta da catedral de Burgos. Aí, os pecadores são atormentados por cornudos demónios com duas faces. Na PORTA de Rodin não encontramos estes monstros; os diabos que fazem sofrer estes homens e mulheres são as suas próprias paixões, os seus amores e os seus ódios; são a sua própria sensualidade e o seu remorso. Estas faces, que passam com a suavidade do vento, gritam-nos: os nossos eternos tormentos estão em nós! No nosso interior alimentamos o fogo que nos devora. O Inferno é o mundo, e existência humana, o tempo que passa; é esta vida, na qual ninguém deixa incessantemente de morrer um pouco. O Inferno dos que amam é o desesperado esforço para fazer parar a vida num desses beijos que não cesam de gritar a sua brevidade. O Inferno dos voluptuosos é a queda da sua carne no meio do Prazer eterno e do triunfo da raça. O Inferno de Rodin não é um inferno de vingança, mas de ternura e piedade» — Isto dizia Anatole France ao referir-se ao poder dramático do referido cortejo de expressões. As suas palavras poderiam ainda servir à multidão de figuras que se aglomeram mais abaixo. Num conjunto demoníaco, produto duma imaginação apaixonada até ao doentio, os corpos nus como que lutam por um lugar: pernas entrelaçadas com pernas, braços paralelos com braços, esqueletos e caveiras, mãos disformes num pronúncio de dor, olhos esbugalhados no fundo das órbitas, ódio em bocas torcidas, luxúria e pecado nos movimentos. Algumas figuras conseguem destacar-se: no canto superior esquerdo domina a reprodução do célebre «Torso de Adéle», um tronco de mulher que embriaga pela beleza de proporções e pelo requebro luxuriante da vida que respira; no lado oposto, dois braços unidos à frente de um corpo de mulher, extremamente tensos e terminando numas mãos em concha, sugerem uma impotência resignada perante a vitória do pecado, vitória amarga, como parece transparecer na cabeça desalentadamente caída; mais à frente, é ainda uma figura de mulher que domina, deitada, pernas muito flectidas, joelhos unidos, tudo num movimento que convida ao prazer da carne, excitando pelo abandono lascivo que se adivinha nos dois braços preguiçosamente lançadas para o mesmo lado; à direita chama ainda a atenção o esforço soberbo que um corpo humano faz para trepar até cima, como se quisesse fugir à angústia dum pesadelo. A «Mulher agachada», uma prodigiosa anatomia em bronze, e «A Cariatide» cedendo ao peso da enorme pedra que terá de carregar eternamente, faziam primitivamente parte desta multidão de condenados. Hoje alinham ao lado de muitos outros trabalhos, que, sujeitos ao vai-vém do seu espírito insatisfeito, nasceram para a **«PORTA DO INFERNO»** e acabaram por se tornar criações isoladas pela fama.

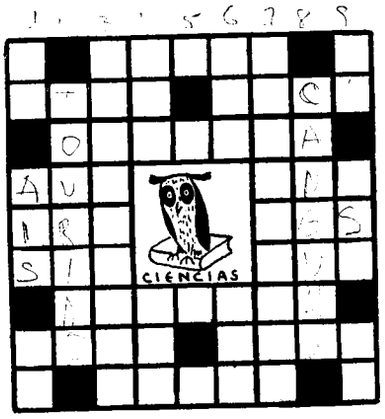


O BEIJO

... ...

Como se aspirasse à perfeição, Rodin não terminou a sua obra preferida. Mas «**A PORTA DO INFERNO**» ficou como o emblema do trabalho de uma vida inteira; como monumento incomparável dedicado à perenidade do Amor, da Beleza e da Verdade; como símbolo da existência do próprio Deus no espírito do Homem.

Num simbolismo complicado e pagão, o corpo de Augusto Rodin dorme em Meudon o seu último sono à sombra da figura de «O Pensador». A importante estátua deixa a pairar numa inefável e encantadora impressão, a certeza de que foi através de «**A PORTA DO INFERNO**» que o genial artista deu entrada na Eternidade.



Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS: 1 — Domesticador de serpentes. 2 — Excita; doença do cafezeiro. 3 — Adereçada. 4 — Osso do espinhaço do porco; género de árvore do Brasil e da África, da família das vegoniácias (inv.). 5 — Tive fé (inv.); enredo (pl.). 6 — Ter determinado preço; três letras de batráquio. 7 — Passou pelo crivo. 8 — Alguma coisa; paralítico (inv.). 9 — favorável.

VERTICAIS: 1 — Tumor; gritos de dor; interjeição do estrépito de desmonoramento (inv.). 2 — relativo a touros. 3 — Esquadrinha. 4 — Azar; talvez (castelhano). 6 — O bagaço de que se faz a água pé; três letras de proluxidade. 7 — Híspido. 8 — Mamífero marsupial da América do Sul. 9 — Arraial; prefixo que designa igualdade; parte em que se amuram as velas do navio.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA ANTERIOR

HORIZONTAIS: 1 — Derrota. 2 — Musa; taca. 3 — Ar; sua; ae. 4 — Cia; une. 5 — Ena; ati. 6 — Idl; mor. 7 — Ra; sem; na. 8 — Onda; azar. 9 — Adornar
VERTICAIS: 1 — Maceiro. 2 — Durindana. 3 — Es; aal; dd. 4 — Ras; são. 5 — ——————. 6 — Ota; man. 7 — Ta; uam; za. 8 — Acantonar. 9 — Aceiras.

Que apetite...

Em determinado Lar Universitário da Rua de Cedofeita, apresentaram a uma colega a conta em que figurava a seguinte parcela:

couves . . . . 20$00

Os leitores já repararam na quantidade de couves que se arranja por tal quantia! E segundo nos informam não meteram na conta a hortaliça que entrava na sopa!

Francamente, gastar extraordinários em couves, alimento tão pobre em valor energético, é deitar fora o património da família!

*

Errata

Apesar do cuidado posto na revisão, saiu a Revista «Orfeão» n.º 3 com mais erros do que seria de desculpar.

Contudo o mais importante é uma omissão verificada na poesia — Desilusão — do colega Barros Leite. A páginas 12, onde se lê:

Não, eu já não tenho a esperança...

Deve ler-se:

Não, eu já não tenho a esperança
Nem a fé da criança
Que enxuga a última lágrima
Com o primeiro sorriso.

Aos nossos colaboradores e leitores apresentamos as nossas desculpas.

PORTO EDITORA, LDA.

LIVRARIA — PAPELARIA

PRAÇA D. FILIPA DE LENCASTRE, 42 — **PORTO**

Quando necessitar de um bom dicionário tenha sempre presente os **Dicionários «EDITORA»**

Dicionário de Português — 4.ª edição — por J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, com a colaboração de diversos professores especializados.

Dicionário de Francês - Português — por Olívio de Carvalho — 2.ª edição.

Dicionário de Português - Francês — por Olívio de Carvalho.

Dicionário de Espanhol-Português — 2.ª edição por J. M. Almoyna.

Dicionário de Português - Espanhol — por J. M. Almoyna.

Dicionário de Verbos Franceses — pelos Drs. Virgínia Mota, Irandino F. Aguilar e Ernâni Rosas.

DEPOSITÁRIA EM LISBOA: Empresa Literária Fluminense, Lda.
RUA DA CONCEIÇÃO, 125 - 1.º Esq.

Queima das Fitas

PROGRAMA GERAL DA QUEIMA

DOMINGO, 5 de Maio — *Bênção das Pastas, Prova de Perícia, Rally D. Elviras, Noite Desportiva.*

SEGUNDA-FEIRA — 6 de Maio — *Imposição de Insígnias, Inauguração da Exposição de Arte, Sarau de Arte.*

TERÇA-FEIRA, 7 de Maio — *Cortejo, Festival Desportivo.*

QUARTA-FEIRA, 8 de Maio — *Chá.*

QUINTA-FEIRA, 9 de Maio — *Beneficência, Encerramento do Ciclo de Cinema, Jogos Florais.*

SEXTA-FEIRA, 10 de Maio — *Chá.*

SÁBADO, 11 de Maio — *Encerramento do Ciclo de Teatro, Baile de Gala.*

DOMINGO, 12 de Maio — *Garraiada, Fim de Festa.*

JOGOS FLORAIS

«JULIO DINIS»

QUEIMA DAS FITAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO 1963

Podem concorrer todos os estudantes das Universidades do País, os licenciados pelas mesmas até um *máximo de dois anos de formatura* e os alunos das Escolas Superiores de Belas Artes.

1 — Prémio «Júlio Diniz» (da Reitoria da Universidade do Porto) — *750$00 a uma obra de ficção em prosa (conto, novela ou romence).*
2 — Prémio «Antero de Quental» (da Reitoria da Universidade do Porto) — *750$00 a uma poesia filosófica.*
3 — Prémio do Centro Universitário do Porto — *700$00 a um ensaio sobre Mousinho de Albuquerque e a sua época.*
4 — Prémio «Serpa Pinto» (do Centro de Estudos Ultramarinos) — *700$00 a um tema livre e em prosa sobre o Ultramar Português.*
5 — Prémio «Dr. Cândido da Cruz» (da Ordem dos Médicos) — *600$00 a um tema de Deontologia Médica.*
6 — Prémio de Teatro do Centro de Estudos Humanísticos — *750$00 e uma peça de teatro.*
7 — Prémio de Cinema do Centro de Estudos Humanísticos — *750$00 a um tema de Cinema ou Televisão.*
8 — Prémio «António Correia de Oliveira» (da Câmara Municipal do Porto) — *1.000$00 a uma quadra popular.*
9 — Prémio «João de Deus» (da Câmara Municipal do Porto) — *1.000$00 a uma poesia lírica.*
10 — Prémio «António Sardinha» (do S. N. I.) — *800$00 a uma poesia nacionalista.*
11 — Prémio «Miguel Cervantes» (do Consulado Espanhol) — *Um livro ilustrado a um ensaio, sobre música, pintura ou literatura espanhola.*
12 — Prémio «Saint-Exupery» (do Instituto Francês do Porto) — *1.º 800$00 e 2.º um livro, a um ensaio, nem político nem religioso, sobre um tema francês.*
13 — Prémio do Instituto Italiano de Cultura — *500$00 a um tema italiano.*
14 — Prémio «Infante D. Henrique» (de Pinto de Magalhães, Lda. Banqueiros) — *1.000$00 a um ensaio histórico-económico.*
15 — Prémio «Itamaraty» (do Consulado Geral do Brasil) — *1.200$00 a um tema brasileiro.*
16 — Prémio «Thomas Mann» (do Instituto de Cultura Alemã na Universidade do Porto) — *500$00 a um tema alemão.*
17 — Prémio da Associação Luso-Britânica do Porto — *1.000$00 a um ensaio sobre um aspecto das relações luso-britânicas.*
18 — Prémio «Queima das Fitas» — *1.000$00 a um tema sobre a missão da Universidade.*

N. B.: — *a)* Além destes prémios, há ainda várias menções honrosas.

b) Os ensaios dos números 3, 11, 12 e 13 não devem exceder vinte páginas de papel de máquina dactilografadas a dois espaços.

c) Os trabalhos premiados dos números 3 e 5 ficam a pertencer ao C. U. P. e à ordem dos Médicos, respectivamente, que os farão publicar, se assim o entenderem, nos seus jornais.

As condições e regulamento do concurso estão patentes nas Faculdades e locais do costume.

I CICLO UNIVERSITÁRIO DE CINEMA

Organizado pela COMISSÃO DOS CICLOS DE CINEMA E TEATRO DA QUEIMA DAS FITAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO 1963, realiza-se no Salão Nobre da Faculdade de Engenharia, o I CICLO UNIVERSITÁRIO DE CINEMA, dedicado ao DOCUMENTARISMO, com o seguinte programa geral:

1.ª SESSÃO, 23 de Abril às 21,30 horas.

CINÉMATOGRAHE LUMIÈRE, realização de *Paul Paviot;* DRIFTERS, realização de *John Grierson;* LASHURDES, realização de *Luis Buñuel.*

2.ª SESSÃO, 26 de Abril às 21,30 horas.

THE SONG OF CEYLON, realização de *Basil Wright:* NIGHT MAIL, realização de *Hany Watt* e *Basil Wright·* LOUISIANA STORY, realização de *Robert Flaherty.*

3.ª SESSÃO, 2 de Maio às 21,30 horas.

GOÉMONS, realização de *Yannick Belon;* LE SEL DE LA TERRE, realização de *G. Rouquier;* TOUTE LA MÉMOIRE DU MONDE, realização de *Alain Resnais;* Ó SAISONS! Ó CHATEAUX! realização de *Agnès Varda.*

4.ª SESSÃO, 3 de Maio às 21,30 horas.

LA SEINE A RENCONTRÉ PARIS, realização de *Joris Ivens;* ESPELHO DA OLANDA, realização de *Bert Haanstra; VIDRO,* realização de *Bert Haanstra;* PANTA RHEI, realização de *Bert Haanstra;* VELAS AO VENTO, realização de *Otto Van Neigenhoff.*

5.ª SESSÃO, 9 de Maio às 15,30 horas.

DEDICADA AO DOCUMENTARISMO PORTUGUÊS, com filmes a anunciar.

I CICLO UNIVERSITÁRIO DE TEATRO

Organizado pela COMISSÃO DOS CICLOS DE CINEMA E TEATRO DA QUEIMA DAS FITAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO 1963, subsidiado pela FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, realiza-se no Cine-Teatro S. João o I CICLO UNIVERSITÁRIO DE TEATRO, com o seguinte programa:

Dia 25 de Abril — Às 21,45 horas *(para maiores de 17 anos)*
TEATRO UNIVERSITÁRIO DO PORTO
OS LOBOS — de *João Correia de Oliveira* e *Francisco Lage*

Dia 1 de Maio — Às 21,45 horas *(para maiores de 12 anos)*
TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO
O HOMEM E AS ARMAS — de *George Bernard Shaw*

Dia 11 de Maio — Às 15 horas *(para maiores de 12 anos)*
TEATRO ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
A SAPATEIRA PRODIGIOSA — de *Frederico Garcia Lorca*

Escaquística

Estratégia elementar

SECÇÃO DIRIGIDA POR
Neves Fernandes

1. *Valor relativo das peças.* A peça mais valiosa é sem dúvida o rei, dado que a sua perda significa a perda da partida. À parte este, a peça realmente mais valiosa, por útil, é a dama. Comete-se muitas vezes o erro de acautelar, por preciosa, esta peça; é isto um erro, na medida em que se não funcionar, deixa de ser útil. É qualquer coisa de parecido com um cantor excepcional que não cantasse, para não estragar a voz.

Em seguida vêm as torres, e depois os bispos e os cavalos, cujo valor relativo depende essencialmente da posição atingida no desenrolar da partida, isto é da disposição das pedras no tabuleiro. A verdade é que o bispo nos parece mais valioso, até porque com rei e dois bispos é fácil dar mate ao rei contrário, o que já é consideràvelmente mais difícil com bispo e cavalo, e impossível com dois cavalos. No entanto sublinhe-se que o máximo valor dos bispos se obtém com a cooperação dos dois, o das casas brancas e o das casas pretas, que é o que se designa vulgarmente por ter a «parelha de bispos», que é indubitàvelmente mais forte que bispo e cavalo e mais ainda que dois cavalos.

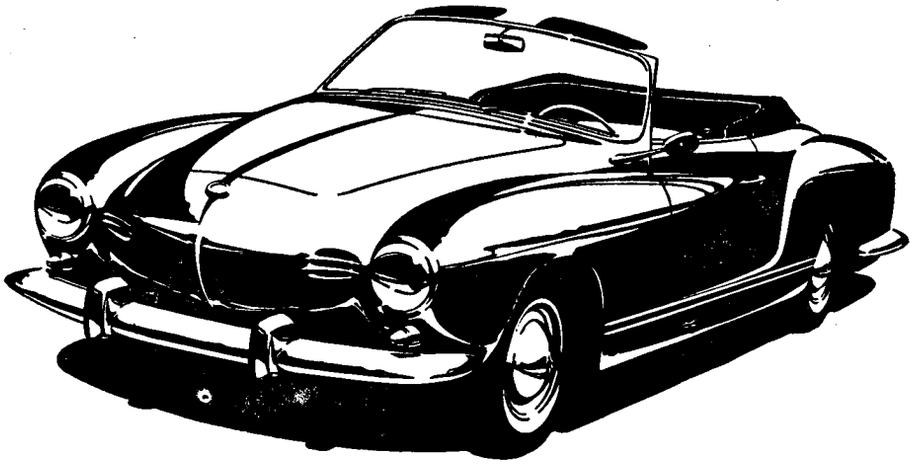
Em lugar ainda inferior nesta escala vêm os peões, cujas utilidades mais notáveis, são a ocupação «barata» de casas, a dificultação de penetração, no seu campo das peças *inimigas formando* como que uma barreira, partindo de qualquer posição, e ainda a promoção, que só é normalmente possível com bom apoio das outras peças.

Falou-se acima em ocupação «barata» duma casa. Queríamos com esta expressão significar, que a casa em questão está ocupada por um elemento de pouca valia. Quer dizer, se tivermos um peão numa casa, e nesta defendido, isto é, ao alcance de uma ou mais peças do nosso bando, é uma peça do adversário quiser tomá-lo, será tomada, e portanto «trocou-se» um peão por uma peça, o que é vantajoso. É claro que isto pode complicar-se se várias peças poderem ocupar a referida casa.

Passou na revisão do último artigo um parágrafo, cujo sentido só poderia adivinhar-se, e do que pedimos desculpa. O primeiro período será então o seguinte:

Como foi anunciado, começamos hoje a publicar, não um «curso de xadrez», mas apenas qualquer coisa que ensine a toda a gente que o não saiba, o que costuma designar-se por «mexer das pedras» e «escrever das partidas».

VOLKSWAGEN



mais de 30.000 em circulação em PORTUGAL

GUÉRIN (PORTO), LDA.

Avenida dos Aliados, 77 PORTO

TIPOGRAFIA DO CARVALHIDO
PORTO

Leve para férias

SAIS DE FRUTOS

para as digestões difíceis